Conclusão

O intento geral deste trabalho foi enfeixar algumas linhas de força de um objeto que pode ser considerado novo para a historiografia. Se a validade do futebol como tema de investigação histórica é colocada ainda hoje sob suspeita, conforme sucedeu outrora com fenômenos considerados triviais, tais como o clima, o corpo e a cozinha, o que não dizer da inclusão de um epifenômeno da atividade futebolística e do profissionalismo esportivo − as torcidas organizadas −, no panorama de discussão do campo historiográfico ? Neste sentido, a opção de pesquisa aqui adotada teve por vínculo um debate realizado pelos historiadores franceses durante a década de 1970, em torno da eclosão dos *novos objetos* na historiografia. Em 1974, Jacques Le Goff e Pierre Nora davam a lume a obra serial em três tomos, *Faire l'histoire*, na qual um conjunto heterogêneo de historiadores procurava fazer, não um balanço, tampouco um painel, mas um diagnóstico da escrita da história no presente, com base em três sintomas principais por eles identificados: os novos problemas, as novas abordagens e os novos objetos[1].

Ao colocar em interrogação a própria identidade da história como ciência do passado, dedicada a elaborar sistemas explicativos da sociedade através do tempo, os coordenadores do volume falavam de uma tomada de consciência dos historiadores diante dos caminhos apontados pela pesquisa histórica contemporânea. O exame subseqüente à "tomada de consciência" dos historiadores dizia respeito à dilatação do campo epistemológico da história na contemporaneidade. Tal dilatação, que acompanhava as mutações gerais das ciências modernas e que, por sua vez, implicava na ameaça de diluição de suas próprias fronteiras, consistia na anexação progressiva de distintos domínios e na incorporação de diversas áreas particulares do conhecimento, haja vista a exaustão das totalidades, seja a da história positivista seja a da filosofia da história. A História Nova definia-se, pois, como uma ciência do

[1] Cf. NORA, P; LE GOFF, J. (Orgs.). **História**: novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988, 3 vols.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

contemporâneo, da mudança e da fragmentação, e rechaçava aqueles que se imbuíam do espírito de voz onisciente do passado e de autoconsciência do tempo.

Se o volume dedicado aos *novos objetos* não fazia qualquer menção à temática esportiva − sabe-se que somente na década de 1980 Roger Chartier começaria a tratar dela de maneira concatenada a Bourdieu e a Elias −, a série dedicada aos *novos problemas* continha uma aguda e densa reflexão sobre a narrativa histórica, traçada por um dos organizadores do livro. Seu entendimento interessa aqui para a explicação do modo como foi construído "o problema" de nosso estudo. O ensaio de Pierre Nora, "O retorno do fato", havia sido originalmente publicado em 1972 para a revista *Communcations* com o sugestivo título de "L'evénement monstre". Ele se desdobraria num mosaico de seminários lecionados entre 1978 e 1981 na EHESS, e resultaria no vasto compêndio intitulado *Les lieux des memoires*. Sob sua direção, a opulenta obra destrinchava os "lugares de memória" mais importantes na fabricação de eventos relacionados à República e à Revolução Francesas, num inventário que compreendia festas, emblemas e monumentos; comemorações, dicionários e museus[2].

Entretanto, nos limites daquele texto ensaístico de início da década de 1970, o autor tratava de uma questão à primeira vista inconcebível para aqueles que já tinham dado uma pá de cal no positivismo: a importância reassumida pelo acontecimento na vida cotidiana, política e social. É certo que tal ressurgimento, após o *intermezzo* da história estrutural, não se dava nos mesmos moldes, como simples exumação ou redescoberta de uma tradição científica, mas sob o influxo das novas condições de produção, com um estatuto radicalmente distinto do que haviam postulado os positivistas do século XIX. Enquanto o paradigma rankeano se propunha a elevar o historiador à alçada de árbitro supremo do passado, "pigmalião do acontecimento", mostrando o sucedido tal como ele efetivamente havia acontecido, por meio de um distanciamento temporal que lhe permitia captar a ordem coerente e o nexo de sentido subjacente ao emaranhado dos dados, o fato agora, passados três quartos de século XX, era produzido em íntima conexão com o presente, com o

[2] Cf. NORA, P. "Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux". In: NORA, P. (Org.). **Les lieux des mémoire**: la Republique. Paris: Éditions Gallimard, 1984.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

vivido e com o instantâneo. A relação do fato com o tempo atual passava a ser condicionada por seu atrelamento aos *mass media*, ou seja, à sua associação inextricável com a reprodução mecânico-midiática do registro escrito, sonoro e visual.

Do *affaire* Dreyfus do final do século XIX ao escândalo do Watergate de meados da década de 1970, passando pelo Maio de 68, pelo funeral de Charles de Gaule e pelo suicídio de Marilyn Monroe, operava-se uma factualidade nova, que se impunha de maneira sorrateira à atividade do historiador tradicional. À medida que a democracia e a sociedade de massas avançavam rumo à "mundialização", a voz autorizada, altiva e distanciada da História ia perdendo terreno e autonomia. A extraordinária capacidade dos meios de comunicação na confecção de eventos, sob a forma de processos, escândalos e casos, transformava incidentes locais particulares em grandes acontecimentos históricos. A imprensa, o rádio e a televisão não eram apenas veículos de irradiação das notícias, mas sua própria condição de existência, forma pública de sua produção e de seu reconhecimento: "O fato de terem acontecido não os torna históricos. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido."[3].

A perda de autoridade sobre o fato, antes encerrado na redoma oficial do passado, fazia o historiador se curvar ante o estreito entrosamento do real e do cotidiano com sua forma mediatizada e espetacularizada de expressão. O repórter, a figura emergente que presencia e transmite o acontecimento moderno, isto é, a testemunha ocular do "maravilhoso das sociedades democráticas", tornava-se aquele indivíduo capaz de dar o tom espetacular aos eventos, cujo exemplo mais fantástico para Nora era representado pela transmissão direta da alunissagem, ou seja, da chegada do homem à lua no final da década de 1960. Se antes, então, o acontecimento era isolável e passível de decomposição em unidades claras, agora a metamorfose operada pelo estatuto do acontecimento-informação nas sociedades industriais passava por um estado de "superinformação perpétua" e, ao mesmo tempo, de "subinformação crônica", característica do "exibicionismo factual" da publicidade das sociedades de massa.

---

[3] Cf. NORA, P. "O retorno do fato". In: NORA, P; LE GOFF, J. (Orgs.). **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988, p. 181.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Assim, embora em outra chave de leitura e em outro contexto histórico, pois Pierre Nora absorvia em parte as teses de Marshall MacLuhan sobre a explosão da "galáxia de Gutenberg" e as proposições de Guy Debord sobre a sociedade de espetáculo, a "monstruosidade *evenementielle*" de que tratava aquele expoente da História Nova parecia ter um interlocutor nos anos 30. Até certo ponto, suas idéias pareciam não distar muito do diagnóstico de Walter Benjamin sobre o papel da imprensa na corrosão da narrativa na vida comunitária e na alteração do campo de experiências do homem moderno, tal como apresentado nos capítulos deste trabalho. Enquanto, para Nora, a tirania do acontecimento era o sintoma de um sistema civilizatório de dominação que convertera o próprio tempo em objeto de consumo, para Benjamin, o choque de informações veiculadas diariamente pelos meios de comunicação produzia um soterramento de *aquis* e *agoras* no presente, de modo a impedir a tarefa do historiador: retirar o passado do esquecimento.

Mas se ambos, por um lado, apresentavam diagnósticos em certa medida convergentes, por outro eles propunham soluções e encaminhamentos bem discrepantes entre si. Em tom messiânico, o filósofo alemão convocava no ensaio "Sobre o conceito da História" a figura alegórica de um "anjo da história" para salvaguardar os despojos e os detritos do passado, a fim de salvar e de redimir a memória dos espoliados pela classe dominante que era, em última instância, quem forjava a historiografia. Já o historiador francês, por seu turno, atinha-se ao projeto racional da ciência, não fazendo da história contemporânea um cavalo de batalha. Para ele, não cabia regredir a um passado natimorto nem cabia prognosticar sobre um futuro incerto; ao historiador cumpria ao contrário a tarefa de se concentrar na revelação das ambigüidades do "acontecimento-monstro" e na exposição da maneira pela qual a avalanche de novidades se degradava rapidamente na contemporaneidade.

As considerações de Walter Benjamin sobre os efeitos da imprensa de massa na conformação da subjetividade moderna e as ponderações de Pierre Nora sobre a produção, a metamorfose e os paradoxos de um "retorno do fato" no último quarto do século XX foram muito importantes para o levantamento da problemática geral do presente trabalho. A circunscrição da questão da tese não poderia deixar de passar pela análise da produção fenomênica mediatizada da informação, uma vez que a própria aproximação com o objeto fora feita

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

através dela. Afora o acompanhamento das torcidas organizadas nos estádios, em seu dia a dia ordinário, era sob a forma trágica de uma notícia catastrófica e espetacular que elas apareciam, não só para mim como para a maioria das pessoas. Sob o registro imagético da televisão, em nível internacional, a "tragédia de Heysel" (1985) era o acontecimento mais impactante, ao passo que, em nível nacional, a "batalha campal" do Pacaembu (1995) ocupara o lugar de destaque como o incidente trágico mais marcante. Alertado quanto às prováveis armadilhas e ciladas contidas nos estereótipos e nas representações das torcidas de futebol nos meios de comunicação, que conduziriam a respostas previsíveis, sem lidar diretamente com a riqueza de um objeto antropológico multiforme e multifacetado, escolhi ainda assim o trabalho com as fontes da imprensa escrita.

Ao ter de passar por um tema provavelmente reificado, o desafio era justamente enfrentar tal reificação, de modo a decompô-la e a fazer uma exegese do seu processo de construção. Inspirei-me largamente para isso em dois ensaios seminais de José Sérgio Leite Lopes: o primeiro consagrava-se à figura de Garrincha, o segundo à de Mário Filho. Publicado pela primeira vez em 1989, "A morte da Alegria do Povo" tinha como fio narrativo o acompanhamento da morte de Garrincha através da imprensa – "uma canção de gesta mediática" −, para em seguida abordar a sua trajetória fulminante de ascensão e queda no futebol, de cujo esquecimento ele apenas escapa quando do "falecimento-acontecimento" em 1983.

Ao mostrar as ambivalências da pessoa e do indivíduo no futebol, com a oscilação na carreira de jogadores que, transformados em heróis esportivos nacionais, caíam repentinamente no anonimato, o autor mostrava como essa idolatria dependia de uma narrativa jornalística que lhe atribuía a estereotipia da pureza e da ingenuidade próprias de um homem do campo, quando na verdade se tratava de um atleta paradigmático do mundo das fábricas têxteis, um típico representante do "jogador-operário" no Brasil. O segundo artigo, publicado três anos depois, enfocava o projeto jornalístico de Mário Filho, com a sua capacidade de produzir eventos e de reconfigurar a própria linguagem do futebol, aspectos que seriam decisivos tanto na passagem do amadorismo para o profissionalismo quanto na invenção de um estilo de jogo nacional.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

A inspiração concernia de modo mais direto às questões suscitadas pelo segundo ensaio, "A vitória do futebol que incorporou a pelada", embora ambos pertencessem a um projeto coeso e integrado. Em "A morte da Alegria do Povo", José Sérgio lançava o primeiro de uma série dedicada a estudar as diferentes facetas da história do futebol brasileiro pela ação inovadora produzida por seus diversos personagens. Nas notas explicativas do texto sobre Mário Filho, o autor afirmava que, após os perfis biográficos de um jogador e de um jornalista, a idéia deveria ser completada pela análise de outros atores do "enquadramento moral" do esporte: um presidente de clube, um treinador de futebol e um representante de torcida.

Motivado por essa última sugestão, circunscrevi para o **Capítulo 1** desta tese − "O chefe de torcida: entre vícios e virtudes" − uma linha de discussão que se desdobrava daquela idéia original. Concentrei-me para isto na figura do torcedor de futebol e, em particular, no representante dos torcedores. Isto porque ele se afiguraria de fato um dos principais vetores do "enquadramento moral" do periódico esportivo de Mário Filho: o *Jornal dos Sports*. Após uma discussão preliminar acerca do conceito de espectador nas artes, notadamente a sua posição no teatro tal como fixada na tradição ocidental, dediquei-me ao exame da representação do torcedor nos periódicos esportivos, com especial atenção para a emergência de um tipo particular na linguagem esportiva: o chefe de torcida. Conhecido na década de 1930 através da metáfora diplomática do "embaixador", enviado inclusive à Copa do Mundo da França, o representante da torcida passou a ser designado como "chefe" na década de 1940, nomenclatura que mimetizava a autoridade moral presente em outras esferas da sociedade. Da primeira geração de chefes de torcida que apareceu no cenário futebolístico carioca, a personagem mais citada pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, em especial por Mário Filho, era Jaime de Carvalho, criador da Charanga do Flamengo, que seria elevado à condição de chefe da torcida da Seleção Brasileira em torneios internacionais no país e no estrangeiro.

Oriundos em sua maioria das classes populares, os chefes de torcida daquela época, bem como vários outros torcedores conhecidos pelos trajes pitorescos e extravagantes nos estádios, seriam alvo de uma exortação por parte de muitos cronistas do *JS*, vistos como expressões autênticas e puras da passionalidade clubística, encarnando as virtudes cristãs da doação, da paixão e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

do sacrifício. O *sermo humilis* – discurso humilde − da tradição literária do cristianismo, tratada por Erich Auerbach em *Literary language and its public*, parecia redivivo na pena de cronistas esportivos que perfilavam torcedores cujo altruísmo parecia-lhes tocante. Os chefes de torcida cumpriam assim uma dupla missão no campo da reinvenção das moralidades no futebol: uma era pedagógica, pela cooperação com a polícia no sentido da organização das massas no espaço público das arquibancadas; a outra era a de ser a quintessência da pureza amadora no futebol, de que somente o torcedor era capaz naquele universo cada vez mais utilitarista e profissionalizado.

Embora a expressão "chefe de torcida" vá perdurar até a década de 1980, a visão romantizada do cronista esportivo vai sofrer um grande revés a partir de então, transformando-se em fonte de indignação. À medida que as lideranças torcedoras vão se multiplicando em cada clube, com a quebra da autoridade única e tradicional do chefe dos anos 40 e 50, novas práticas são introduzidas. Aos olhos dos especialistas, elas se chocam com o *ethos* amador, considerado até então intrínseco à condição do torcedor. A autenticidade e a pureza cedem lugar à ambição desmedida, porquanto os chefes estabelecem muitas vezes uma interação ambígua com os dirigentes esportivos, de quem muitas vezes extraem benefícios políticos e econômicos. Assiste-se assim a uma espécie de "corrosão do caráter" daquela figura, outrora simples, ingênua e amadora, que com o tempo é corrompida pelo avanço das relações profissionais e monetárias no futebol.

Longe de ser um fenômeno cerrado nas fileiras do futebol, sem conexões com a vida social, procurou-se mostrar de que maneira esse debate moral deita raízes em uma discussão acerca do caráter do homem brasileiro, bem como do Estado nacional. Em especial, o debate tangencia um discurso weberiano, como mostra Jessé Souza, diagnosticador do 'atraso' ibérico-latino, face ao mundo nórdico anglo-saxão. Este caráter arcaico resultaria de uma "química perversa"[4], fruto da combinação entre uma via autoritária de desenvolvimento do capitalismo e um modelo cultural hierárquico. Assim, se a hierarquia entre superiores e inferiores fora a viga mestra justificadora da ordenação do mundo colonial e imperial brasileiro, ele não desaparecera de todo com a introdução

[4] Cf. SOARES, L. E. "Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência". In: PEREIRA, C. A. M. (et. al). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 34.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

das relações capitalistas e republicanas. No campo, ele daria origem às relações de compadrio entre o coronel e o camponês. Na cidade, a lógica do favor se evidenciava não somente em nível institucional jurídico-político, mas também no âmbito dos costumes mais comezinhos do cotidiano.

Entronizado pelo senso-comum e pelo diagnóstico dos jornalistas, a análise histórico-antropológica detectava o beneficiamento pessoal em detrimento do público como um dos entraves para o desenvolvimento do país, consubstanciado na relação ambígua, dependente e obscura entre o dirigente de clube e o chefe de torcida. Embora não explicitassem ou não soubessem de modo consciente, os jornalistas seguiam a mesma linha de raciocínio dos 'intérpretes do Brasil' para justificar a suposta defasagem nacional ante o modelo gerencial esportivo europeu, ao falar da incapacidade de uma implementação integral do profissionalismo no futebol brasileiro, que era uma outra forma de abordar as dificuldades de adoção de uma ética e de um espírito capitalista no país.

Já no **Capítulo 2** – "Microfísica do *Poder Jovem*" –, o texto de José Sérgio Leite Lopes possibilitou-nos a abordagem do tema na chave da continuação da 'intriga' por ele descrita a respeito da família de Mário Filho. A trama girava em torno do desdobramento das tragédias e dos dramas familiares vivenciado pelos Rodrigues, responsáveis não apenas por reportar a notícia, mas também por criá-la e, ao mesmo tempo, por ser tragicamente alvo dela, como sucedeu no assassinato de Roberto Rodrigues na redação do jornal do pai, após uma reportagem sensacionalista veiculada pelo jornal. O espectro delimitado por Leite Lopes compreendia a biografia de Mário Filho e a sua capacidade de reabilitar socialmente a família através da valorização da imprensa esportiva, em uma análise que vai até o falecimento do jornalista em 1966. Em seqüência, a baliza temporal aqui adotada, por sua vez, procurou dar prosseguimento à trama, estendendo a narrativa no correr das décadas de 1960, 1970 e 1980. Por meio da leitura serial do *Jornal dos Sports*, a continuidade dada pelo filho único de Mário Filho ao projeto comercial do pai no periódico tornou possível o acompanhamento da invenção de uma série de novos eventos por parte de Mário Júlio. Este, embora seguisse a linha, o espírito e a tradição por assim dizer ecumenista do pai, teve de se adequar às contingências

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

econômicas e às circunstâncias histórico-políticas impostas a partir do final da década de 1960.

O *Duelo de Torcidas*, invenção de Mário Filho quando este ainda trabalhava na seção de esportes de *O Globo*, foi uma das tradições a que Mário Júlio deu prosseguimento nas páginas do *Cor-de-Rosa*, embora o tenha adequado às novas configurações das platéias de esporte no decênio de 1960. Mesmo após novos trágicos incidentes familiares, como o suicídio da viúva de Mário Filho e o alcoolismo de Mário Júlio, o apoio às atividades das torcidas organizadas na década de 1970 e 1980 continuaria como uma sólida marca de um jornal que se construíra historicamente em aproximação estreita com elas. Se o caráter inter-classista do futebol profissional preconizado por Mário Filho abrangia também o caráter inter-geracional do público freqüentador dos estádios e leitor dos periódicos esportivos – as decantadas famílias de que sempre falam os 'jornalistas-pedagogos' −, a predominância dos estratos juvenis era uma realidade cada vez mais perceptível na sociedade e na paisagem futebolística da segunda metade do século XX.

Mário Júlio cedo incorporaria ao discurso editorial e à estratégia comercial do jornal o mote do fenômeno juvenil, da 'onda jovem' que então parecia contagiante. Para isto, no final dos anos 60, o *JS* era autoproclamado "o jornal do Poder Jovem", na medida em que ele procurava colocar-se ao lado dos estudantes e dos setores juvenis da sociedade, seja em termos de linguagem seja em termos de projeto comum. Tal articulação era feita por intermédio de uma diversidade de matérias e críticas na área cultural – música, teatro, cinema, ciência, televisão, artes plásticas −, que ultrapassava a rubrica tradicional dos Esportes, fazendo do jornal um veículo plural e de livre-experimentação para novos articulistas. Fora assim que surgira nas páginas do *Cor-de-Rosa* o encarte mensal *O SOL*, um dos emblemas juvenis da geração de 1968, depois dos versos de Caetano Veloso terem-no "enchido de alegria e preguiça", diante de "tanta notícia". Outrossim, mais do que notícias, o periódico fazia circular também muitas idéias, com a difusão de livros e de pensamentos elaborados por intelectuais brasileiros e estrangeiros, assim como com a circulação das diversas demandas e bandeiras então reivindicadas pelas entidades representativas do movimento estudantil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Esse processo dinâmico-interativo proporcionar-nos-ia a percepção, de maneira indiciária ginzburgiana, de uma ligação entre o jornal e o fenômeno das torcidas organizadas. É no final dos anos 60 que surgem as torcidas dissidentes no Rio de Janeiro, as Torcidas Jovens, com o rompimento do monopólio das Charangas tradicionais. Sob inspiração do slogan internacional *Poder Jovem*, que se tornara bordão do próprio *Jornal dos Sports*, estes embrionários agrupamentos de torcedores seriam favorecidos pela cobertura positiva privilegiada dada pelo *JS* às Torcidas Jovens. Em virtude disto, muitas delas que nasciam sob o signo do protesto e da inconformidade, quer no que diz respeito à gerência dos clubes e ao desempenho insatisfatório das equipes, quer em relação aos chefes de torcida do mesmo time. Tal clivagem nos parece capital, um divisor de águas na formação da identidade das torcidas organizadas, que iriam se multiplicar na década de 1970, sob a forma de dezenas e até centenas de torcidas de bairro. Sempre com o apoio do *Jornal dos Sports*, que continuaria a promoção dos concursos e das premiações, essas associações desenvolveriam tanto canais de diálogo que as aproximariam entre si quanto conflitos e rixas que as distanciariam.

Em paralelo à intensificação das brigas, as torcidas criariam no final da década de 1970 e início de 1980 uma associação de torcedores, a ASTORJ, que também teria a simpatia do jornal, com a obtenção inclusive de uma coluna especial para a informação da agenda de atividades da entidade. A iniciativa de criação da ASTORJ, embora com uma adesão limitada em razão das crescentes inimizades, resultaria em uma onda de greves dos torcedores, motivadas por uma questão de ordem bem polêmica desde o final dos anos 60: a majoração do preço dos ingressos. Também aqui o *Jornal dos Sports* não se eximiria de dar o seu aval às ações das torcidas organizadas, com a cobertura das manifestações dos torcedores na Geral do Maracanã ou em frente à sede social dos clubes, sob a forma de revolta, de cobrança e de pressão pela redução do valor das entradas, o que ganhava matérias, fotos e se tornava até mesmo manchete do periódico. Embora não se tenha desejado aqui fazer uma redução simplista dos acontecimentos verificados no mundo do futebol com o pano de fundo histórico nacional e internacional, é lícito reconhecer a estreita sintonia entre o movimento desencadeado pelas torcidas e o contexto político da época, sobretudo por essa atmosfera de crescente contestação que se coadunava ao

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

"tempo das aberturas", não apenas nos partidos e nos sindicatos, nas igrejas e nos bairros, mas também nas escolas de samba e no futebol.

A estratégia assumida no segundo capítulo então foi seguir a pista que erigia como "problema" da tese a estreita vinculação entre a construção da notícia e a construção do fato social na contemporaneidade. As principais prerrogativas na abordagem do objeto foram levadas em conta: que se tratava de um jornal especializado e representativo do público leitor-torcedor; que se tratava de um periódico tradicionalmente propício e aberto às torcidas de futebol, pautado na interatividade; que o jornal não era apenas um veículo de reportagem, mas condição *sine qua non* para o reconhecimento de um acontecimento, tal como falava Nora. Assim, se a História Nova se aproximava de algumas formulações caras ao campo teórico da comunicação, coube a nós a proposição de uma convergência de idéias entre o ensaio de Pierre Nora nos anos 70 e o de Walter Benjamin nos anos 30. Conforme já salientado, o paralelo acerca da presença decisiva dos meios de comunicação na realidade social do século XX ficava apenas no âmbito do diagnóstico, posto que os prognósticos foram bem diversos entre os dois autores. De fato, nos domínios da razão, não parecia haver saída para um autor da Escola de Frankfurt, escola que nos anos 60 e 70 desdobrar-se-ia no discurso da *nova esquerda*, a principal base para a Teoria Crítica do Esporte, segundo a qual havia um assujeitamento cada vez maior do homem às tecnologias da performance esportiva.

Ante a tirania do acontecimento, a passividade, a reificação e a ausência de saída no mundo contemporâneo não seriam os únicos efeitos dessa dominação. Do nosso ponto de vista, a força instauradora do acontecimento mediatizado, que percebíamos nas "narrativas de choque" do *Jornal dos Sports* com suas abordagens das torcidas organizadas, não era a única existente. Ao lado das manchetes bombásticas, das notícias sensacionais e das reportagens inflamadas, pudemos acompanhar, por intermédio de uma pequena seção opinativa do periódico, a "prática discursiva" dos torcedores e das torcidas organizadas no seu dia a dia. Como concessão do jornal à opinião do leitor, a seção Bate-Bola demonstrava como a troca e a interlocução eram possíveis mesmo nos meios dominados pela alta tecnologia. Destarte, mais do que mero efeito reificador, as torcidas organizadas eram agentes de uma realidade que se construía não apenas nas arquibancadas, mas também na linguagem, na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

comunicação e no espaço concedido no interior de um veículo de informação de massa. Forjar uma conversa e possibilitar um meio de expressão das identidades clubísticas, eis o papel que, talvez mesmo sem o saber ou querer, aquela coluna cumpria. Os anúncios, as promoções, as confraternizações, as idéias, as rivalidades, enfim, todo um canal de diálogo era aberto pelos torcedores entre si e pelos torcedores com os especialistas esportivos, de forma até certo ponto imprevista.

A polifonia dos estádios era reproduzida de certa maneira naquele microcosmo do *Jornal dos Sports*, que contradizia os teóricos da vida totalitária e unidimensional do mundo tecnicizado. Esse caráter polifônico levou-nos, no **Capítulo 3** − "Genealogia da moral torcedora" −, à observação do modo pelo qual os torcedores reconstruíam à sua maneira o mundo dos valores existentes no futebol e na sociedade. Após dissertarmos sobre algumas teorias relativas ao fenômeno da violência, esteados no modelo genealógico nietzscheano que Foucault abraçava para rechaçar a idéia de *origem* dos historiadores tradicionais, teve-se de enfrentar a principal via teórica de explicação do comportamento do homem em grupo, imerso na multidão: a genérica e lata *psicologia das massas*.

Isso porque, conforme sintetizava o filósofo contemporâneo Sloterdjik, a multidão "se orienta constantemente por noções morais, imagens e sensações, em 'imaginationes', assim como por manifestações como avidez, ira, inveja e anseio por honra, e não por idéias racionais."[5]. A fim de contrastar com o peso do irracionalismo presente nos argumentos da *psicologia das massas*, nossa genealogia da moral torcedora acompanhou a longa série de cartas da coluna Bate-Bola do *Jornal dos Sports*. As identidades clubísticas, fonte dos afetos e das paixões morais do universo das torcidas, eram produzidas não apenas nos estádios, mas no dia a dia das cartas publicadas nos periódicos esportivos. Ao lado da verbalização, os torcedores-escrevinhadores racionalizavam e justificavam à sua maneira as simpatias e as antipatias, as brigas e as amizades com as torcidas adversárias, de sorte que aquele fórum criava uma dinâmica particular de acusações, ameaças e congraçamentos, cuja conseqüência poderia ser verificada nos dias de jogos.

---

[5] Cf. SLOTERDJIK, P. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 52 e 53.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Ao lado da violência, os apontamentos filosóficos de Simmel acerca da aventura foram o ponto de partida para a abordagem de uma segunda dimensão crucial na vida das torcidas organizadas: as caravanas de viagem. Através das reportagens especiais feitas pelos jornalistas, evidenciou-se a narrativa sublinhada por estes últimos nos primeiros deslocamentos coletivos de torcedores no início da década de 1970 no Brasil. Sendo o ato de viajar em grupo ainda uma novidade à época, decorrente da criação de um campeonato nacional que integrava os diversos estados do país, mostrou-se como a ampliação da escala e do circuito de enfrentamento entre os clubes implicou em uma maior estruturação das torcidas, a fim de acompanhá-los nas demais regiões do país. Tal missão peregrina, que tinha um aspecto altruístico e outro hedonístico, ensejava a interação com outros grupos de torcedores, acionando uma nova configuração das alteridades clubísticas e das relações inter-torcidas. As alianças entre as torcidas começaram a ser constituídas em um dualismo amizade-inimizade que variava ao sabor das recepções, se hospitaleiras ou hostis, bem como das circunstâncias da rivalidade entre os clubes ou ainda dos contatos pessoais entre as lideranças de cada torcida.

A leitura das cartas do *Jornal dos Sports* foi fundamental para a captação de tal quadro, com a apreensão tanto da lógica dos relacionamentos quanto do encaminhamento das queixas ou das saudações, mais tarde transformadas ora em litígio ora em aliança.

Quanto ao terceiro aspecto, o universo lingüístico e musical, a bricolagem pareceu ser o expediente mais freqüente na elaboração do repertório e do vocabulário das torcidas organizadas. A extração de uma série de cânticos e de palavras de ordem provinha de duas fontes básicas: por um lado, o *ethos* épico oriundo da tradição dos hinos marciais dos clubes; por outro, o *pathos* carnavalesco absorvido pela cultura de massas no Brasil do século XX, por outro, sejam as marchinhas sejam os sambas-enredos. Se as relações entre os jogadores no campo eram regidas pelas regras universais e por um sistema de controle colocado acima dos mesmos, as relações entre os torcedores nas arquibancadas eram erigidas de maneira até certo ponto autônoma, fruto de uma cultura local e de uma moral comunicativa própria, perceptível nas cartas publicadas no *Jornal dos Sports*. A mimetização dos esquemas táticos e o emprego de suas respectivas categorias nativas – a garra, a raça, a força – eram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

absorvidos em consonância com as propriedades existentes no jogo, em especial a dimensão agonística da virilidade masculina, que se transladava para a linguagem e para a ação nas arquibancadas, configurando estilos próprios de torcer. Assim, ao reportar as brigas, as viagens e as músicas de sua predileção por meio daquela coluna, foi possível apreender parte das categorias mais valorizadas e o sentido identitário estabelecido pelos integrantes e pelas lideranças de torcidas organizadas entre si.

Ao chegarmos ao final dessa jornada, em que se procurou explorar o máximo possível uma série de mensagens jornalísticas acerca do futebol, notadamente de um fenômeno que lhe é correlato, as torcidas organizadas, é necessário dizer que a descrição da massa bruta de informações coletadas talvez tenha avolumado em demasia o conjunto do trabalho, sendo preciso escoimá-lo, burilá-lo, desbastá-lo em outra oportunidade. Em contrapartida, fica a sensação do quanto faltou acrescentar, do quanto existe ainda por fazer, de quantas formas distintas se poderia enfocar esse objeto, a quantas fontes diversas se poderia ainda recorrer para analisá-lo. "Demasiado humana", a impressão de inacabamento é, todavia, uma condição não só da história como de todo labor científico. Conforme advertia Marc Bloch, esse apólogo da história, em uma de suas obras paradoxalmente mais alentadas e completas, *A sociedade feudal*: "... nunca permitir que o leitor se esqueça de que a história conserva todo o encanto de uma pesquisa inacabada"[6].

Ou, com licença poética, essa sensação de incompletude na ciência poderia ser expressa na poesia por meio de um verso do curitibano Paulo Leminski: "não fosse isso/ e era menos/ não fosse tanto/ e era quase"[7]...

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

[6] Cf. BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 10. Citado por Paul Chaus na apresentação ao livro.
[7] Cf. LEMINSKI, P. **La vie en close**. São Paulo: Brasiliense, 2004.